



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

O CORPO REPRIMIDO

Jair Bueno de Araújo/financiado pelo Mackpesquisa¹
Valéria Cristina Vilhena/financiada pelo Mackpesquisa²

Resumo: Partindo de uma breve historiografia da Arte e seus meios técnicos, políticos, morais de avanços e retrocessos sobre a liberdade do corpo, apresentaremos a construção do corpo social-cultural, na perspectiva da categoria Gênero de análise. A reflexão passa pela afirmação de que a sociedade andrôcentrica, centrada em valores heteronormativos, os quais sempre têm o masculino, branco e heterossexual como referência, por sua compulsoriedade torna-se gerador de diversas exclusões por suas estruturas reguladoras como família, escola e religião.

Palavras-Chave: Estruturas Reguladoras; Corpo; Gênero e Poder.

A incitação do discurso na construção do corpo sócio-cultural

Quando pensamos no Corpo e sua Sexualidade, pensamos sempre que sua dimensão não vai além dele mesmo. Pensar o corpo na esfera social, por exemplo, parece não combinar. Corpo, sexualidade está no âmbito do particular, do segredo, será mesmo? Quando nos propomos a falar de Corpo o tema nos remete a inúmeras outras questões que deverão ser consideradas. Estaremos falando de um corpo jovem ou um velho corpo? De um corpo negro ou um corpo branco? Um corpo feminino, masculino, homossexual ou ainda corpo empobrecido ou privilegiado? Ou quem sabe a junção de inúmeras dessas questões, que certamente trarão inúmeras proposições?

Particular ou Social? Corpo enquanto possibilidade de prazer e dor, de desejos e imposições. Imposições sugeridas, anunciadas, promovidas no âmbito social. Corpos

¹ Mestrando em Educação Arte e História da Cultura pelo Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e professor de geografia da rede Municipal e Privada de Ensino de São Paulo. arabujageo@yahoo.com.br

² Doutoranda em Educação Arte e História da Cultura pelo Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e professora Universitária. valeriaegustavo@gmail.com

que podem estar sendo absolvidos ou condenados, explorados, negados, expostos numa sociedade com prerrogativas universalistas, mas com uma roupagem moderna e de tecnologias avançadas.

Certamente poderemos pensar um corpo social, que ainda pode ser aprisionado com velhas mordanças, sugerindo-os serem transgressores. Pensar a partir da categoria de Gênero é pensar o corpo na sua dimensão social, portanto política. Não naturalmente dado, nem tão pouco sob experiências sexistas universalizantes, mas corpos sujeitos a processos culturais plurais, que vivem relações humanas possíveis, entrelaçadas por redes de poder em busca da soberania inerente ao ser humano: a soberania de seu próprio corpo.

Quando utilizamos Gênero enquanto categoria analítica presumimos que o ser homem e o ser mulher são construídos social, cultural e biologicamente e, portanto, não determinados pelo transcendente ou pelo sobrenatural:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. (Scott, 1990:14).

Logo, rejeitamos explícitas e implicitamente, as justificativas essencialistas e biologizantes para as desigualdades sociais, a dominação e as relações de poder entre os sexos. Com esta categoria analítica a ênfase é colocada sobre todo um sistema de relações que pode incluir sexo, mas que não é diretamente determinado por ele e nem pela sexualidade.

Há lugares tradicionalmente reservados, bem como representações sociais esperadas para os corpos masculinos ou femininos. Todos nós, como afirma, Ivone Gebara (2006:144), *‘somos o que podemos fazer do que fizeram de nós’* somos frutos decorrentes de gerações e de diferentes processos sociais.

Da violência psicológica a mais embrutecida violência contra os corpos - um facilitador: o papel social esperado, portanto imposto, reforçado pela cultura patriarcal que desvela-nos relações de poder e dominação por diversas instituições reguladoras:

[...] a escola a partir dos discursos pedagógicos e das normas disciplinares institucionais [...] se [...] inscreve[m] na interioridade dos indivíduos as verdades, isto é, os saberes corretivos, de normalização, [...] vão modelando a subjetividade dos indivíduos. Estas verdades/saberes

corretivas rotulam e dão sentido aos comportamentos, às atitudes, aos atos, às relações, fabricando o sujeito desejado, de modo que ele corresponda com fidelidade ao padrão de indivíduo de que a sociedade necessita. (Beltrão, 2000:15)

Uma constatação é de que muitas vezes a sexualidade só é trabalhada na aula de biologia e, na sua quase totalidade sob a perspectiva das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), relegando, para segundo plano, a dimensão cidadã-sócio-afetiva independentemente de sua orientação sexual.

Outra questão é a de que o próprio corpo docente não está preparado para reconhecer corpos culturais plurais, que vivem as diversas relações humanas possíveis. No que resulta assim, em escolas modernas, do ponto de vista tecnológico, muitas vezes, mas não possibilitadora de formas de uso e identificação do espaço escolar, seja ela pública ou privada, para a afirmação de políticas sociais de valorização das diferenças sexuais.

Segundo pesquisa da UNESCO (2004), cujo relatório fora publicado no mesmo ano, teve como um dos objetivos levantar dados sobre um tipo de violência pouco documentada quando se tem como referência a escola, a homofobia, o tratamento preconceituoso e as discriminações sofridas por jovens tidos como homossexuais. Essa pesquisa inclusive revela um dado importante: o de que, muitas vezes, as (os) professoras (es), não apenas silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução de tal violência.

O levantamento indicou também, dentre vários outros tópicos, que cerca de 27% dos(as) estudantes não gostariam, por exemplo, de ter um(a) colega de classe que fosse homossexual, 60% das (os) professoras (es) não sabem como abordar a questão em sala de aula e 35% dos pais e mães não apóiam que suas filhas (os) estudem no mesmo local que gays e lésbicas.

Como se nota, é possível detectar, mediante todos os dados anteriores, a existência da homofobia nas escolas do Brasil, fato este que antevê a necessidade de se criarem projetos que trabalhem com os temas diversidade e sexualidade desde o ensino fundamental, envolvendo professoras (es), pais, estudantes e funcionárias(os).

Nessa pesquisa “Juventude e sexualidade”, há um dado a ser destacado: a consideração de que essa pesquisa foi realizada entre alunos que advêm de classes sociais semelhantes, geralmente expostos às mesmas dificuldades relacionadas à

questão estrutural da família e submetidos ao mesmo sistema educacional – o que nos leva a perguntar - qual seria a razão para a discriminação homofóbica?

Tais construções são fortemente cristalizadas pela sociedade acerca de vários assuntos, dentre eles, o da homossexualidade. Tais constatações despertam a necessidade de buscar uma formação mais abrangente e específica no que se refere aos temas relacionados à Homossexualidade e à construção de identidades homossexuais no espaço escolar.

A reprodução cultural é fato generalizado, pois há que se destacar a forma como as alunas e alunos acabam por tratar a sua própria condição de homossexuais ao reproduzirem os papéis sociais, muitas vezes sacralizados pelos conceitos religiosos, biologizantes e estereotipados sobre tal condição, bem como o desconforto em falar sobre assuntos relacionados à sexualidade homossexual o que os fazem, de um modo geral, não se expressarem com liberdade.

É preciso compreender a dinâmica das práticas e dos discursos homofóbicos sobre tudo quando,

(...) é evidente que o preconceito não só reside nos indivíduos, mas, também se articula na cultura e nas instituições, é fundamental para aprimorar as formas de enfrentamento e desconstrução de suas práticas violentas (Borrillo, 2010, p. 9)

Traremos para a discussão os conceitos foucaultianos, de que é no campo obscuro do não-dito que estão os dispositivos de controle dos corpos, das mentes, ou seja, o silêncio, o deboche, ou na falta de vontade política dos sujeitos envolvidos no processo educacional (comunidade e escola) que se operam os aparelhos “normatizadores” na vida do educando.

No espaço escolar o que ocorre, muitas vezes, é a falta de disponibilidade para discutir questões ditas ‘polêmicas’, mas que na realidade são discussões das relações humanas de Gênero.

Entretanto, a escola pensada também, através dos seus componentes curriculares (conteúdos disciplinares) que não levem em consideração a necessidade de desconstrução das relações sociais de Gênero, no que tange a supremacia do sexismo, heterossexismo, racismo, entre tantas outras formas de dominação são proliferadores de desigualdades nos espaços escolares.

Essa é uma exposição das bases estruturais de uma sociedade androcêntrica, compreendida como aquela formada por famílias patriarcais no qual o desejo homosocial masculino é a tônica das relações de poder. As pessoas são elementos dos lugares onde elas estão. É por estarem em determinados lugares, no nosso caso a instituição escolar, que as indagações do onde e como essas pessoas territorializam seus corpos enquanto lugares-sociais é que se torna pertinente ao nosso exercício de reflexão.

E tal exercício nos leva ao desafio arrojado e urgente de indagar se esse espaço escolar, em suas diferentes funcionalidades, seja ele público ou particular, não deva ser e ter – obrigatoriamente, a função de favorecer o aprendizado, para o constante diálogo de maneira competente com a comunidade, respeitando e sendo respeitado, ouvir e ser ouvido, a reivindicar direitos e a cumprir obrigações, a participar ativamente da vida científica, cultural, social e política do País e do mundo?

O Corpo na Arte

O corpo enquanto processo histórico-político-social vai além do binarismo a que estamos acostumados “masculino e feminino”, “hetero e homo” ou “biológico-anatômico” dos corpos. O corpo enquanto processo nos leva a compreender como o corpo é forjado para o sujeito desejado/controlado. Segundo Guacira (1997:22), não devemos assumir a questão do gênero como algo:

[...] única e exclusivamente enquanto fronteira dos sexos. O importante é perceber que os corpos, são produtos das práticas sociais. São eles, os corpos, que se produzem e reproduzem as relações “desiguais” entre os sujeitos.

Somos propensos a pensar que o culturalmente construído é natural, portanto, muitas vezes o que temos como natural é cultural. De acordo com Filho e Trisotto (2008), o corpo natural não tem absolutamente nada de natural. *“Ele já foi, pela cultura, dominado, impregnado de valores, de regras e conceitos: Ele é sempre resultado de investimentos de poder e de enunciações por saberes.”* (p.116)

Segundo Foucault (1987:30), na obra *Vigiar e Punir*, os suplícios em praça pública significavam a repressão e a vingança do rei ao corpo indisciplinado. Os suplícios medievais para nós, hoje em dia, seria uma espécie de sensacionalismo, banalização da sociedade do espetáculo em que vivemos.

A modernidade, além de coabitar os corpos individuais, instiga discursos normatizadores e a produção de corpos coletivos. A escola, o trabalho a universidade são exemplos de “disciplinamento” dos corpos sociais que atendam o racionalismo utilitário capitalista.

Não é de hoje que o corpo é sujeito de liberdades e interdições. É o território do visível, do organizado do ser humano. O corpo, enquanto território constitui-se para além de si, é um corpo espaço-temporal que se individualiza por meio das relações sociais que expressam, fundamentalmente, a cultura.

Para o Ocidente, o corpo enquanto cultura sempre esteve em inúmeras dicotomias. Desde os tempos do Egito, que influenciou substancialmente a arte grega, até os dias contemporâneos, o corpo, ou o que fazemos com ele, expressa valores, moralidades, virtudes, políticas éticas, avanços, retrocessos que nos funda enquanto organização social de um contexto de temporalidade-espacialidade de um verdadeiro arquivo vivo e simbólico. É o que se depreende das palavras de Carmem Soares (2006:4):

Sendo uma evidência que acompanha todo ser humano, do seu nascimento a sua morte, o corpo é, contudo, finito sujeito a transformações nem sempre desejáveis ou previsíveis. Ao longo dos anos mudam suas formas, seus pesos, seu funcionamento, seus ritmos. Talvez, por isso mesmo que seja certo que todos os seres humanos estejam completamente habituados com os seus corpos e satisfeitos com o seu desenvolvimento. O corpo de cada um pode parecer extremamente familiar e concreto em certos momentos, mas, em outros, bastante desconhecidos e abstrato.

Ainda segundo Carmem Soares (2006:4),
“quando se pesquisa o corpo por meio de uma de suas inúmeras vias, a saúde, educação entre outras – e se mantém como questão geral “como uma dada cultura ou um determinado grupo social criou (cria)



Alegoria do Triunfo de Vênus
(1540-1545)

maneiras de conhecê-lo e controlá-lo?” e representá-lo.

O corpo representativo, enquanto imagem fotográfica, quadros, gravuras, ou o corpo em si, coloca-nos diante de nós mesmos e expressam nosso modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa de uma cultura, ainda se pensarmos a representação social do corpo.

A seguir propomos uma trilha para apurarmos como, no decorrer da historicidade da Arte, segundo Gombrich (2008:15), o corpo cultural vai transformando-se ou sendo transformado pela arte significando coisas diversas, em tempos e lugares igualmente diversos, e que as recordações e sentimentos ora de repugnância, ora de atração são interações com as quais a arte a ser observada e os observados estão sujeitos.

Gombrich continua seu pensamento, afirmando que nada há de errado nisso: *“todos nós, quando vemos um quadro, somos fatalmente levados a recordar mil e uma coisas que influenciam o nosso agrado ou desagrado”*.

De acordo com a imagem acima, podemos nos perguntar: Qual a importância de um quadro para época de Agnolo Tori, mais conhecido por **Bronzino**? Teria a mesma importância para nós? A nós nos parece que, por meio dos quadros, imortalizavam-se o desejo da representatividade do corpo e a mensagem que ele supostamente queria transmitir, talvez uma reflexão de valores, moralidade, condutas e paradigmas da sociedade.

Onde estão demarcadas as fronteiras do público e do privado, do permitido e do consentido pela sociedade? Será na Arte? Ou na Família? Na Religião ou na Escola? Pelas leis escritas ou pela tradição oral?

Ainda sobre a ótica de Gombrich (2008:15): *“muitas pessoas apreciam ver em*



quadros o que também lhes agradaria ver na realidade. Está aí uma preferência muito natural. Todos gostamos do belo”. Mas, quem define o que é o belo? Em que contexto, para qual época, em que medida e para quem o belo se apresenta enquanto pintura, gravura, escultura, corpo físico? A construção do belo está estritamente ligada ao corpo e à cultura, ou melhor, à forma e à cultura.

Pintura bizantina de caráter religioso

Conforme Beatriz Ferreira (2005:26), *“as formas como ambos refletem e espelham um ao outro mudam conforme as normas e os interesses da sociedade a qual pertencem”*. Isto é, o corpo como espaço de inscrição ou não inscrição dos acontecimentos, passa a ser o espaço do permitido ou não consentido. O domínio e a consciência do corpo só foram possíveis com um investimento sobre o próprio corpo por meio de discursos disciplinadores.

Afirma Foucault (1979:146), que *“o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo”*. O poder não esmorece. Acomoda-se em lugares estratégicos e de forma sutil, continua a sua batalha. O corpo é uma peça dentro de um jogo de dominações e submissões presente em toda a rede social, que o torna depositário de marcas e de sinais que nele se inscrevem.

O processo de construção do corpo cultural perpassa o ideal de sujeito “vazio, pecaminoso” que se construiu, nos séculos IV e XV, cujo período denominou-se chamar, na História da Arte, de “arte bizantina”, em que o imperador Constantino estabeleceu a Igreja Cristã como um poder no Estado Romano.

Uma das características desse período é que *“a falta de naturalidade com que o corpo era tratado é coerente com o fundamento dessa religião que prega o desprezo da matéria, seja ela qual for e o enaltecimento do espírito”* (Beatriz, 2005:34).

A experiência do corpo do sensório deveria ser extirpada da convivência social em detrimento do corpo espiritual. O indivíduo de Deus é aquele que destitui do corpo tudo aquilo que é corpóreo: os desejos, os prazeres e as provocações os conhecimento. Só assim, o indivíduo seria digno das graças de Deus.

O sacrifício, o sofrimento, a pobreza eram valores construídos pelo clero e adentrava na história como uma desconstrução do feito dos grandes artistas gregos. Agora os artistas eram meros executores da obra de “Deus”.

O corpo Bizantino jamais poderia expressar liberdade. A arte Bizantina deformava o corpo e caracterizava-o com cores primárias, sempre na intenção de afugentá-lo de qualquer semelhança com o real, obtendo-se, assim, uma projeção maior do corpo da divindade para destacar sua importância. O período ficou conhecido como Idade das Trevas.

O mosaico foi a expressão máxima da arte bizantina e não se destinava apenas a enfeitar as paredes e abóbadas, mas instruir os fiéis, mostrando-lhes cenas da vida de Cristo, dos profetas e dos vários imperadores. As pessoas eram representadas de frente e

verticalizadas para criar certa espiritualidade; a perspectiva e o volume são ignorados e o dourado é demasiadamente utilizado devido à associação com o maior bem existente na Terra: o ouro.

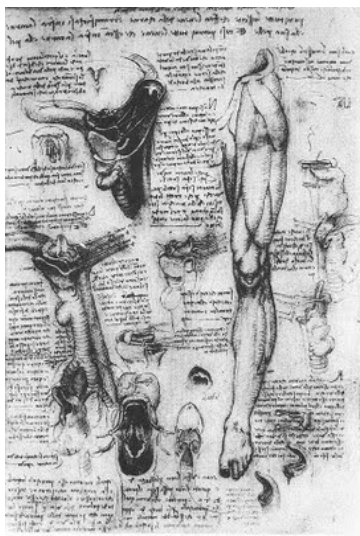
Nesse período, a arte ganha uma nova função: a de transmitir os ideais do cristianismo. É preciso lembrar que as pessoas que não sabiam ler, ao que o papa Gregório disse (Beatriz, 2005:36): “A pintura pode fazer pelo analfabeto o que a escrita faz pelos que sabem ler”. Vale lembrar também que o corpo físico (matéria) era negado em detrimento do corpo espiritual: o corpo e o sangue de Cristo representado pela Eucaristia enquanto pão e vinho.

Mesmo sendo um período de fome, guerras e pestes, a Baixa Idade Média foi capaz de construir o que, hoje, compreendemos ser uma Universidade. Funda-se, em 1088, a primeira universidade européia, em Bolonha, na Itália.

A historiografia cultural nos desvela as contradições da construção dos direitos desiguais que perpassam e se reafirmam sobre o corpo que ora é santificado, ora sagrado, ora científico, ora pecaminoso, profano e sexy; revela como refletimos e como lidamos com os nossos sentimentos e como construímos nossa alteridade corpórea.

Vejamos como alguns dos principais nomes renascentistas puderam, com seus trabalhos, dar um novo sentido para o corpo. Os grandes nomes desse período – “o mais famoso período da arte italiana, e um dos maiores de todos os tempos.” (Gombrich, 2008:287) – foram Giotto, Brunelleschi, Rafael, Donatello, Massaccio.

Em primeiro lugar todos gozavam de altíssimo prestígio, pois os grandes desse período eram conhecidos como verdadeiros mestres dotados de autonomia. Pesquisavam sobre tudo, arte, natureza, constituição corpórea, arquitetura, universo e tudo o mais que tivesse sido velado até a contemporaneidade deles. Eram extremamente respeitados, chefes de suas oficinas; mas, como o reconhecimento social não foi imediato, sofreram preconceitos “numa época que os homens de saber nas universidades se apoiavam na autoridade dos tão admirados autores antigos” (Gombrich, 2008:294).



Leonardo da Vinci (1452-1519) e Miguel Ângelo (1475-1564) foram marcos visionários, ao pensarem e construírem um corpo dotado da mais bela perfeição e conhecimento racional aos olhos da

moralidade cristã. Ambos, de certa forma, sobressaíam-se perante os demais artistas de sua época, pelo domínio e forma com que pesquisavam e construíram suas obras: o corpo humano.

Leonardo e Michelangelo tinham claro que, para eles chegarem à perfeição de suas obras, era necessário compreender como o corpo fazia os seus movimentos. Para isso, era necessário inovar, transgredir, para assim representá-lo com a mais plena autenticidade. Gombrich (2008:293), ao falar de Leonardo, afirma que esse artista considerava ser a função do artista *“explorar o mundo visível, tal como os seus predecessores tinham feito, só que de maneira mais abrangente e com maior intensidade e precisão”*.

Estudos anatômicos de Leonardo da Vinci.

Os ensinamentos de observação e estudos dos seus grandes mestres não eram suficientes para tal perfeição. Era necessário romper a fronteira física da epiderme do corpo. Ambos mergulharam por meio das técnicas de dissecação de cadáveres para dissecação de anatomia.

O corpo é objeto de pesquisa, não somente de representação. Ou melhor, dos dois. Posterior há todos os seus estudos multifocais para além, da musculatura, ossatura, responsáveis pelos movimentos. Segundo Gombrich (2008:294), Da Vinci foi um vanguardista em inúmeros campos do conhecimento, pois, apenas para estudo, ele dissecou mais de 30 cadáveres, investigou o crescimento de uma criança, lei das ondas, dos vôos dos insetos e pássaros, atmosfera, harmonia dos sons, da música dos astros entre outros.

Interessante perceber que, para Leonardo, a natureza do corpo, dos astros, da terra era uma grande parceira. Desvendar os seus mistérios era a forma da construção do seu conhecimento de mundo e inquestionavelmente interferiria em suas pinturas. Muitas delas não foram terminadas, pois Leonardo se aborrecia no meio de sua obra e começa outra.



Mona Lisa, c. 1502



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br



Baco: - Museu Nacional de Bargello em Florença, Itália.

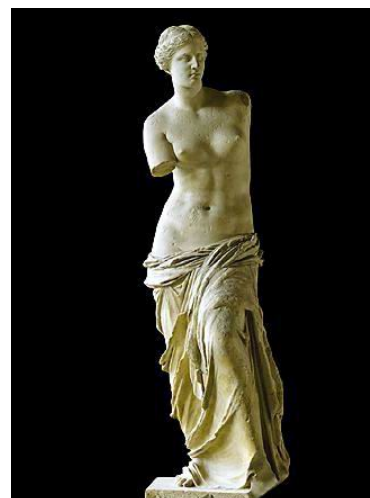
Uma das obras mais famosas de todo o mundo é o retrato de uma dama da cidade de Florença, conhecida como *Mona Lisa*. – é impressionante como Leonardo consegue manipular os olhos, a percepção e os desejos do observador diante do quadro de *Mona Lisa*. Em primeiro lugar, Leonardo retrata uma mulher de carne e osso, o retrato parece ganhar vida e espírito próprio.

Tamanha é a técnica e a perfeição na sua elaboração que às vezes ela parece zombar de todos ou perceber uma sombra de tristeza em seu sorriso, com um ar misterioso, de ocultamento. Leonardo sabia, mais do que qualquer outra pessoa do seu tempo e de tempos

anteriores, sobre os nossos desejos e como dele nos valem.

Decodificar a natureza é conhecer a nós mesmos, mas só Leonardo conseguiu, com tamanha perfeição, representar a natureza corpórea, pois, além de anatomia, ele conhecia técnicas de pintura e desenvolveu o “sfumato”, nome da técnica artística usada para gerar gradientes perfeitos na criação de luz e sombra, aguçando, assim, nossa imaginação. Só um grande cientista poderia dominar a natureza com a sua racionalidade para construir, com vivacidade e realismo, suas criações.

Outro grande florentino do seu tempo e 23 anos mais jovem que Da Vinci é Miguel Ângelo Buonarroti (Michelangelo); seu interesse, em particular, era o corpo humano. Estar diante de uma de suas obras, seja esta escultura, desenho ou pintura é enxergar a nós mesmos. É um encontro com o humano. Por meio de suas esculturas e afrescos, podemos perceber seu ato de humanismo criador e, sobretudo, essa relação com o corpo: é espantosa a movimentação corpórea das diversas posturas que o corpo de algumas de suas criações adquire tudo isso graças aos estudos de anatomia a que se submeteu esse artista. Michelangelo dizia que as figuras já estavam dentro das pedras, precisando elas de alguém – ele – para libertá-las.



Venus de Milo, c. 200 a.C

Podemos pensar como Gombrich (2008:78) no que se refere à arte grega, a qual estava interessada em saber como representaria um determinado corpo: “*Os gregos usavam seus próprios olhos. Uma vez iniciada essa inovação nada mais os assustaria [...]*”. *A cada técnica descoberta, como o “cinzelar o tronco, outro conclui que uma estátua vai parecer muito mais viva se ambos os pés não estiverem firmemente plantados no chão”* (idem, p.78).

Os gregos também souberam utilizar muito bem a roupagem como forma de instigação e movimento para enaltecer e demarcar, principalmente, os corpos femininos e, sobretudo, o nudismo nas representações dos corpos masculinos. Souberam instigar o olhar de quem se depara perante uma escultura grega para apreciar suas formas, como podemos observar na figura de Baco, feita por Michelangelo.

Assim como o corpo esculpido era uma representação simbólica da sociedade grega, suas influências e estilos arquitetônicos, a própria idéia de polis (cidades), a arte do corpo, a ciência e a filosofia estão vivamente materializados na cultura ocidental contemporânea.

Essa linha da representação corpórea na historiografia da Arte e suas nuances, seus movimentos, suas mudanças nesse caso, pelo viés artístico. Isso nos revela muitas coisas. Sem, contudo, negar a ideologia dominante do homem heterossexual, branco e isso é questão de Gênero.

Gênero foi definido a partir das ciências sociais, apresentando três características: o aspecto relacional, as relações de poder e a transversalidade. No aspecto relacional entende-se que os comportamentos femininos e masculinos são definidos pela cultura e as forças que atuam sobre ela, ou seja, cada sociedade, através da sua cultura define o papel da mulher e do homem.

Nas relações de poder, tanto o homem quanto a mulher independente de sua orientação sexual exercem poder, ainda que se encontre distribuído de modo desigual. Como diria Foucault, “*Quando digo poder não se trata de detectar uma instância que estenda a sua rede de maneira fatal, uma rede cerrada sobre os indivíduos. O poder é uma relação, não é uma coisa*”. Cf. Foucault (1981, 2001: 223)

Para Foucault (1999) “*o poder circula*”, como algo que funciona em cadeia. É nesta perspectiva “do poder circular” que a categoria analítica de gênero contribui para desvendar homens e mulheres para além de sua biologia. Ampliar a discussão binária de



homem mulher, heterossexual homossexual é um dos feitos que gênero enquanto análise se propõe.

E para que isso ocorra é necessário desnaturalizar o “poder” binário biológico para assim revelar as diferenças sexuais como construções sociais, que recebem influência política, econômico-social, ou seja, dentro de uma mesma sociedade convivem diferentes experiências sobre o que é corpo de homem e o que é corpo de mulher e como vivenciar suas sexualidades e como permitir com que as mesmas sejam legítimas nos espaços públicos.

E isso nada mais é do que algo mais profundo, digamos estrutural, a nossa eleição do binarismo como uma forma de estarmos no mundo, e assim perdemos a riqueza de toda uma complexidade dialética que interage simultaneamente nas diferentes forças que atuam para constituição da sociedade.

Para isso Foucault nos alerta que com o surgimento da sociedade capitalista, o sexo foi incitado a ser dito, falado, investigado desde o surgimento das ciências humanas por volta do século XVI até os dias de hoje.

A sexualidade é incitada a se denunciar por meio das instituições sociais que criamos. A princípio seria a Igreja com os confessionários, posterior os discursos familiares, médicos, e por fim o Estado que utilizando de saberes como medicina, direito, sociologia, psicologia, psiquiatria normatiza juridicamente os direitos civis ou os tira de sujeitos considerados normais ou “anormais”.

Todo poder é um processo histórico de construção, o sexo biológico, elegido como norma que regula, esta normalmente imbricado com a moral judaico-cristã para fundamentação de uma ordem comportamental de como os corpos sexuados existirão na sociedade. Essa ordem social dita regras, fundamenta desigualdades, conforme explicita Bourdieu (1999):

A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos... (p. 15).

Neste sentido, a própria dominação constitui, por si só, uma violência.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

A violência simbólica institui-se por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), uma vez que ele não dispõe para pensá-lo ou pensar a si próprio, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo senão a forma incorporada da relação de dominação mostra esta relação como natural; ou, em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador são o produto da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é o produto (p. 41).

Tal dominação passará pela veia bourdieuana (1999) de que a ordem masculina do cosmos se corporeifica, isto é, o corpo é o lugar onde se inscrevem as disputas discursivas pelo poder, é nele que nosso capital cultural está inscrito, é nele que nos identificamos assim que nascemos. Conseqüentemente, nosso sexo define se seremos dominados ou dominadores, deixando vítimas homens e mulheres, heteros, homos, negros, brancos.

Assim, como em uma sociedade em que as “mulheres” são objeto de desejo e troca, entre homens heterossexuais e a homofobia largamente disseminada, entendemos que cabe também à escola, juntamente com a comunidade, ser um espaço reflexivo e afirmativo aonde quaisquer formas de preconceitos e discriminações jamais sejam legitimados, a fim de que diariamente, trabalhemos na direção de uma cidadania para todos.

Um desafio para a Educação: a promoção de uma ação educativa sem exclusão e com verdadeiro sentido para aqueles que passem pela escola, o que não significa uma inclusão marginal. Se o nosso compromisso é o de realmente promover uma educação que possibilite direitos de acesso a todos, é urgente a reflexão acerca de temas relacionados à prática discriminatória cometida na sociedade.

Nosso cotidiano desvela a dominação nas atividades mais triviais. Visualizamos a naturalização dos privilégios masculinos heterossexuais sobre sujeitos sociais dominados, heterônomos, não autônomos. Nada mudará na sociedade sem que mude os mecanismos cotidianos das relações que legitimam um poder sobre o outro. O que se espera das instituições, especificamente a escolar é que, no mínimo, ela forme cidadãos reflexivos, críticos para o próprio benefício da sociedade.

Bibliografia

- ABRAMOYAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. SILVA, Lorena Bernadete da. *Juventude e sexualidade*. UNESCO, 2004.
- BELTRÃO, Irecê Rego. *Corpos Dóceis, Mentes Vazias, Corações Frios: Didática: o discurso científico do disciplinamento*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia. História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Bertrand, Rio de Janeiro, 1999.
- DOSSE, F. (2001). *A História à prova do tempo: da História em migalhas ao resgate do sentido*. 2001. São Paulo, Editora da UNESP.
- FILHO, Kleber Prado & TRISOTTO, Sabrina. *O Corpo Problematizado de uma perspectiva Histórico-Política*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, jan./mar. 2008
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
Cf. FOUCAULT, Michel (1981) in DOSSE, F. *A História à prova do Tempo: da História em migalhas ao resgate do Sentido*. São Paulo, p. 223, Editora da UNESP 2001.
- _____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*, (Tradução de Lúcia Mathilde E. Orth). Petrópolis, Vozes, 2000.
- GOMBRICH, E H. (Ernst Hans). *1909 – 2001 A História da Arte*. Tradução Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: LTC.2008.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista* – Petropolis, RJ: Vozes 1997.
- PIRES, Beatriz Ferreira. *O Corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem* – São Paulo: SENAC, 2005
- SCOTT, Joan. Gênero: *Uma Categoria Útil para Análise*. Histórica Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16, n. 2, jul./dez. 1990.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES
Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares
28, 29 e 30 de abril de 2011
MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

SOARES, Carmem. *Corpo e História* (organizadora) – Campinas, SP: Autores Associados, 2006.